



ENTRE MAMUTES E ACÁCIAS: VIAGEM E NATUREZA EM HIPÓLITO JOSÉ DA COSTA PEREIRA (SÉC. XVIII/XIX)

Janaina Zito Losada*

Faculdades Integradas Curitiba – UFPR

jjlosada@uol.com.br

RESUMO: Este artigo analisa as percepções da natureza na leitura de Hipólito José da Costa Pereira, naturalista e viajante, com o estudo de dois documentos escritos a partir de sua viagem aos Estados Unidos, quais sejam: a *Memória sobre a viagem aos Estados Unidos*, publicada em 1858 na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, e o *Diário de minha viagem à Filadélfia (1798-1799)* publicado em 1955. A partir destes dois documentos, desejamos investigar as disparidades e as permanências das temáticas e das abordagens que Hipólito realiza sobre os elementos da natureza, na produção de seus discursos e, ao mesmo tempo, na busca aos parâmetros acadêmicos de seu tempo. Assim, seguiremos a temporalidade do viajante, inicialmente com o *diário* de Hipólito, seguido da sua *Memória*; e por intermédio de suas descrições descortinaremos as sensações e pensamentos de um homem e suas observações, retomando a experiência de uma viagem setecentista.

ABSTRACT: This article analyzes Hipolito José da Costa Pereira's – naturalist and traveler- perception of nature using two documents written after his journey to the Unites States: *United States Journey Memory*, published in Brazilian Historic and Geographic Institute's Magazine, in 1858, and *My Philadelphia's Journey Diary (1798 - 1799)*, published in 1955. Based on this two documents, we wish to understand the inequalities and the permanencies in the themes and broaching that Hipolito makes about nature's elements, in his ideas production and, at the same time, in his seek for the academic parameters of his time. This way we'll follow the traveler's temporality, at first with Hipolito's *Diary* and than with his *Memory*. So through his descriptions we'll disclose the feelings and thoughts of a man and his observations, retaking a "Setecentista" Journey experience.

PALAVRAS-CHAVE: Natureza – Viagem – Hipólito José da Costa Pereira

KEYWORDS: Nature – Journey – Hipólito José da Costa Pereira

A natureza tem seus desvios e a razão seus abusos.¹

* Mestre em História e vinculada ao Programa de Pós-Graduação (Doutorado em História), ambos pela Universidade Federal do Paraná – UFPR. Pesquisadora do Centro de Documentação e Pesquisa para Domínios Portugueses (CEDOPE/UFPR) e Professora Adjunta das Faculdades Integradas Curitiba.

¹ ENCICLOPÉDIA ou Dicionário raciocinado das ciências, das artes e dos ofícios. Discurso Preliminar e outros textos. Tradução de Fúlvia Maria Luiza Moretto. São Paulo: Ed. UNESP, 1989, p. 121.

A natureza e a razão, idéias caras ao cosmopolita do século XVIII europeu, configuraram experiências ímpares vividas pelos homens de uma elite ilustrada, política e científica, e transformaram as viagens e as observações científicas e filosóficas² em suas mais universais realizações.

Por intermédio de Hipólito José da Costa Pereira, natural da Colônia do Sacramento, jovem formado na Universidade de Coimbra e funcionário do Império Colonial Português, e, sobretudo, por meio de alguns dos escritos de sua juventude, perceberemos o vai-e-vem das idéias de seu tempo.

Cosmopolita, democrata, até mesmo jacobino, como perceberam alguns dos seus contemporâneos³, Hipólito reflete as diversas temporalidades que podem envolver um homem em uma de suas experiências singulares – a viagem. Os discursos/falas que remontam as viagens permitindo-nos ver as idéias e as experiências desta época de verdadeira explosão do saber⁴, como chamou Georges Gusdorf.

Evidentemente, nos deparamos com um homem em particular, em uma experiência particular de sua vida, experiência revisitada no Brasil do século XX pela publicação de seu *Diário*, que, escrito em 1799, foi publicado em 1955, acompanhado das cartas remetidas à Corte pelo viajante ao longo de sua viagem.

Hipólito estava imerso na lógica estruturante dos poderes do Império Colonial Português, em que, como afirma Maria Beatriz Nizza da Silva, “a cultura política da ilustração caracterizava-se pelo gosto do inventário e pela coleta maciça de informações que pudessem alicerçar as decisões do governo, nomeadamente da sua política ultramarina”.⁵ Para a autora, foi sob D. Rodrigo de Souza Coutinho, ministro da Marinha e dos Domínios Ultramarinos entre 1796 e 1801, que estas preocupações do ministério atingiram seu ponto máximo. Hipólito, protegido do ministro, é por suas ordens embarcado para a Filadélfia, e é para D. Rodrigo que Hipólito remete a maioria das cartas escritas ao longo de sua viagem.

² GUSDORF, Georges. **Da história das ciências à história do pensamento**. Tradução de Carlos Aboim de Brito. Lisboa: Pensamento, 1988, p. 72.

³ PEREIRA, Hipólito José. **Diário de minha viagem à Filadélfia (1798-1799)**. Rio de Janeiro, Publicações da Academia Brasileira, 1955, p. 219.

⁴ GUSDORF, op. cit., p. 92.

⁵ SILVA, Maria Beatriz Nizza da. Cultura Luso-brasileira: da reforma da Universidade de Coimbra à Independência. **Revista da SBPH**, Curitiba, n. 14, 1998, p. 10.

Brasiliense do reino, imerso em tramas de poderes, viajante, exilado, muitas foram as experiências deste homem. Aqui nos concentramos em um curto espaço de tempo, os dois anos de sua viagem à América do Norte.

Empresa típica do XVIII, viagem de formação e de inventário, a viagem à Filadélfia trouxe-lhe experiências inusitadas e muitas vezes frustradas. A partir delas, ele pôde apontar os desvios da razão e os abusos da natureza, e demonstrar a ânsia do conhecimento e da posse.

Em meados do século XX, o viajante já tinha marcado seu nome na história havia um século. Em 1957, Carlos Rizzini, em um projeto biográfico sobre o jornalista Hipólito, tenta traduzir a importância deste homem para o estado mental, social e político brasileiro, ao longo dos primeiros anos do século XIX, e, especialmente, recupera seu papel para a imprensa de língua portuguesa, uma vez que o viajante criara, em Londres, um jornal brasileiro. Debruçando-se sobre a vida de Hipólito, Rizzini marca seus grandes momentos, trata das graças do ministro português, D. Rodrigo de Souza Coutinho, ao encarceramento na cadeia da Inquisição, passando pela presença de Hipólito nas lojas maçônicas inglesas e portuguesas.

Fundador do Correio Brasiliense, Hipólito nos dá uma nítida percepção de algumas das suas identificações, como recorda Rizzini ao denominar “[...] brasiliense ao natural do Brasil, brasileiro ao português europeu e aos estrangeiros que aqui vinham negociar e estabelecer-se, e brasiliano ao indígena [...]”⁶. E para um brasiliense franco maçom que admirava a liberdade, a Inglaterra foi um lar seguro. Aí, viveu por 18 anos, casou-se, teve filhos e faleceu. Intensa foi a vida e intenso foi o pensamento de Hipólito, suas idéias políticas, tantas vezes contraditórias, tantas vezes atacadas nas polêmicas vividas junto aos seus contemporâneos.

Intenso foi o debate político da época na Europa ou na América, com questões relativas às Independências, às inconfidências, aos governos e suas vantagens, e Hipólito, certamente, esteve imerso nesses debates e seus entrecruzamentos. A inconfidência mineira, as ciências, as idéias da maçonaria, os elementos da natureza, a riqueza das nações, são temas recorrentes em seus escritos. Ele e os pensadores contemporâneos formavam parte importante da intelectualidade do Império Português, em tempo pós-pombalino, em meio às efervescências das revoluções e das

⁶ RIZZINI, Carlos. **Hipólito da Costa e o Correio Brasiliense**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957, p. 18.

independências. Cabe recordar que foi característico o envolvimento de homens naturais do Brasil que como assinala Kenneth Maxwell⁷ eram formados na elite colonial e nas academias metropolitanas, e funcionários dos órgãos administrativos e fiscais do governo metropolitano.

Formado em Coimbra e enviado, pelas ordens do próprio ministro, aos Estados Unidos recém independentes, no ano de 1799, Hipólito José da Costa Pereira, viajante e cientista, remete à Coroa, desde um museu da Filadélfia, suas impressões cotidianas em cartas e registra suas experiências em um diário. Ossos de mamutes e sementes de acácias são imagens que tornam evidenciada a natureza, descrições de um viajante ilustrado para quem a natureza foi recurso econômico, paisagem tanto para os feitos dos homens quanto para a construção das cidades. Foi objeto de encanto, de domínio, de tragédia, de ciência, de riqueza e também de medo.

No artigo, ora proposto, refletimos sobre alguns dos aspectos que envolvem a produção destes olhares e discursos acerca da natureza, e os ecos que puderam produzir. Tratamos de impressões e imagens de um naturalista que de longe relata seu cotidiano, suas aventuras e sociabilidades, suas idéias e as sugestões a *el Rei*.

É no século XIX, por meio da revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, instituição que produz a memória oficial do Império do Brasil e busca construir uma identidade para a jovem nação brasileira, estabelecendo regras na escrita de sua história, que Hipólito e sua *Memória da viagem aos Estados Unidos* saem, como naquele momento aprazia-se afirmar, da “voragem dos tempos”. Em 1859, 58 anos depois de ter sido escrita, e 36 anos depois da morte de Hipólito.

Ao escrever este segundo documento, a *Memória*⁸, encomendada por D. Rodrigo de Souza Coutinho, escrita em Lisboa, dois anos depois de terminada a viagem era o ano de 1801. Nela, o viajante conta sua passada experiência, organizando seus sentidos, revelando a preocupação com os parâmetros da ciência, a necessidade da comprovação e da documentação, tão caros à época, e a temática constante da natureza e sua utilidade.

Nesta *Memória*, muitos aspectos da viagem e das experiências por ele vividas, as quais foram apontadas no *Diário*, desaparecem na ânsia de objetivar as questões

⁷ MAXWELL, Kenneth. **Marquês de Pombal**: paradoxo do iluminismo. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996, p. 132.

⁸ PEREIRA, Hipólito da Costa. Memória sobre a viagem aos Estados Unidos. **Revista do IHGB**, v. 21. Tomo XXI, 1858.

econômicas e utilitárias de interesse do reino, já que Hipólito encontrava-se no centro de um turbilhão de idéias que necessitavam seguir padrões políticos e científicos, já bastante difundidos na Europa em suas atuais ou antigas colônias. Assim, desaparece a natureza idílica, desaparecem os ossos de mamutes existentes no Museu do Sr. Peale, os jantares e bailes freqüentados por Hipólito, experiências e idéias que podemos capturar em seu *Diário de minha viagem a Filadélfia (1798-1799)*.⁹ Nele as idéias estão soltas, as experiências inusitadas estão desprovidas de relação entre si, desarticuladas, sendo um documento que mais reflete impressões que idéias sistematizadas.

Aqui buscamos um percurso de reflexão que se inicia no diário, no qual encontramos nas listas de sementes a acácia, árvore nobre entre as árvores, muito proveitosa em fornecer excelentes madeiras, destinadas à construção de navios, já importante matéria de exportação na Inglaterra do século XVIII, como aponta Keith Thomas. Encontramos o índigo, o cânhamo, os pinheiros, o açúcar, o algodão e à crítica à agricultura norte-americana. Todos estes elementos permanecem na memória, relato envolto na oficialidade e no cumprimento dos seus deveres, objetivando ideais de grandeza econômica do reino, através dos adiantamentos da agricultura.

Assim, nas ausências e nas permanências destes dois documentos, fixamo-nos nos diferentes objetivos de um mesmo autor, nas diversas formas de contar sua viagem.

Notamos as muitas permanências, entre elas, as sementes de acácia, entretanto maiores são as diferenças encontradas nas imagens e idéias trazidas pelo autor e os vários momentos que o revelam, entre eles o debate com Mr. Peale e seus ossos de mamutes. Fitamos aqui apenas uma de suas experiências, uma de suas viagens, uma viagem de formação e de observação, uma viagem de coleta de informações ou sementes, na qual se engendram distanciamentos, os distanciamentos de um português nascido no sul das terras americanas do Império, em sua viagem à Filadélfia. Assim, nos encontramos na busca do particular¹⁰, na decifração das linguagens¹¹, limite do pensável e especialidade da história.¹²

⁹ PEREIRA, Hipólito José. *Diário de minha viagem à Filadélfia (1798-1799)*. Rio de Janeiro: Publicações da Academia Brasileira, 1955.

¹⁰ LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter. (Org.). *A escrita da História: novas perspectivas*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Ed. UNESP, 1992, p. 154.

¹¹ BURMESTER, Ana Maria de O. A História Cultural: apontamentos, considerações. *ArtCultura*, v. 5, n. 6, jan./jun. 2003. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, p. 41.

¹² ENCICLOPÉDIA Einaudi. v. 1 – Memória e História. Brasília: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984, p. 170.

O viajante através de seu registro cotidiano

Era abril de 1799, quando Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça, aos 25 anos, recém formado na Universidade de Coimbra, viajando pela vastidão do território dos recém independentes Estados Unidos, na América setentrional, encontra com as cataratas do Niágara. Conhecer esta experiência é penetrar na viagem deste homem e sua relação com a natureza. O viajante a descreve primeiro pelo ruído que se faz ouvir a 20 milhas de distância e depois pela descrição do tremor na terra, nas várias “varas” ao redor.

Seja ouvindo o precipício de águas, ou percebendo os tremores das terras, a descrição pretende objetividade, transparência, critério matemático, experiência e pragmatismo, que, para Oswaldo Muntreal Filho, marcaram a maneira de saber da ciência em tempos de ilustração.¹³ O Hipólito viajante mostra um quadro pintado com “névoa constante [que] se levanta desta cachoeira, em que os raios do sol pintam brilhantes côres, que fazem um lindo efeito [névoa que cai] sôbre as árvores vizinhas, e no inverno se gela fazendo o mais brilhante efeito”.¹⁴ Um quadro sem dúvida solene.

Observar os limites do país, seus lagos, rios e montes era uma de suas funções. O relato, carregado na intensidade da construção de uma imagem, é parte do desenvolvimento do projeto pós-pombalino que, segundo Maria de Lourdes Viana Lyra, reforçava os mitos paradisíacos do Éden.¹⁵

A paisagem se ruboriza com as aves que, ao passar por perto da mesma cachoeira, são nela precipitadas e destruídas. Cores brilhantes, ilusão, movimento, solidez que fazem ver a descrição estética barroca na América, da qual nos dá notícia Janice Theodoro.¹⁶ A beleza e a violência marcam a descrição do Niágara, afirmando sua prodigiosa grandeza, descrevendo imagens que apenas o olhar poderia captar, e que nem sempre as letras conseguem traduzir. O olhar, aliado poderoso da capacidade de

¹³ MUNTREAL FILHO, Oswaldo. A Academia Real de Ciências de Lisboa e o Império Colonial Ultramarino (1799-1808). In: FURTADO, Júnia Ferreira. (Org.). **Diálogos Oceânicos**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001, p. 498.

¹⁴ PEREIRA, Hipólito José. **Diário de minha viagem à Filadélfia (1798-1799)**. Rio de Janeiro: Publicações da Academia Brasileira, 1955, p. 205.

¹⁵ LYRA, Maria de Lourdes Viana. **A Utopia do poderoso império**. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1994, p. 125.

¹⁶ THEODORO, Janice. **América Barroca. Temas e variações**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Editora Nova Fronteira, 1992, p. 119.

descrever e relacionar do naturalista, sujeito à ação utilitária¹⁷, era também sujeito às atmosferas de grandeza que a natureza inspirava. O olhar de Hipólito escolheu descrever uma pirâmide que se levantava na precipitação das cataratas, ilusão de ótica, pirâmide de vapor d'água refletida na construção de um texto.

A natureza estava para o homem como o teatro para um ator, percebida neste distante e filósofo século XVIII, como tudo que envolve as terras, seus frutos e seus subterrâneos. Ela é o que brota dos regadios, dos rios e suas margens, é a diversidade de animais que podem habitá-la. A natureza envolve o homem, que é também sua parte se recordarmos da divisão dos reinos da natureza: animal, vegetal e mineral. O homem é também sua realização, sua civilidade, e a sua indústria concorre para o aperfeiçoamento desta obra divina.

A sabedoria e a riqueza da natureza estão ligadas em grande medida às imagens de fertilidade, bem como aos seus desvios, embora de forma mais acanhada e certamente repreensiva. Tradição européia, os relatos que se ocupam da natureza já existem desde o século XVI, quando a fertilidade da natureza “impulsionava e permitia a fertilidade humana”, sendo um importante “remédio para o povoamento”¹⁸, como afirma Paulo Assunção.

Se a natureza era um teatro, certamente o naturalista era o ator principal. O miraculoso sucesso editorial setecentista¹⁹ – a *Encyclopédie ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers*, de Diderot e D'Alambert, definiu o vocábulo:

Naturaliste, s. m., se dit d'une personne qui a étudié la nature, et qui est versée dans la connaissance des chose naturelles, particulièrement de ce qui concerne les métaux, les minéraux, les pierres, les végétaux e les animaux.²⁰

¹⁷ MUNTREAL FILHO, Oswaldo. A Academia Real de Ciências de Lisboa e o Império Colonial Ultramarino (1799-1808). In: FURTADO, Júnia Ferreira. (Org.). **Diálogos Oceânicos**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001, p. 492-493.

¹⁸ ASSUNÇÃO, Paulo. A terra dos Brasis: Um tapete de Flandres jamais visto. **Revista Brasileira de História**, v. 21, n. 40, São Paulo, 2001, p. 27. Disponível em: <http://www.scielo.br>

¹⁹ Como apontam:

DARTON, Robert. **O Iluminismo como negócio**: história da publicação da Enciclopédia (1775-1800). São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento**: de Gutenberg à Diderot. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: J. Zahar Editor, 2003.

²⁰ ENCYCLOPÉDIE ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers. Tome seizième, p. 144. [Document électronique - frbnf37229804]. Disponível em: <http://www.gallica.bnf.fr>. Acesso em 12 ago. 2003.

Com a função de inventariar o mundo natural e suas riquezas, o naturalista encontrava-se no centro das tramas das relações entre colônia e metrópole, homem e natureza. A observação e a descrição fiel dos usos e virtudes da natureza transformam-na em objeto de culto²¹ e de conhecimento científico.

Retomando Hipólito, percebemos nas cartas à corte que o conhecimento exige estatuto de prova das descrições realizadas. Versado em coisas naturais, Hipólito atesta as remessas feitas acompanhando-as por cartas, que mostravam o andamento da missão viajante, e como suas funções estavam sendo cumpridas, dando resultados e perspectivas econômicas à coroa. Assim, divisamos os três barris, cheios de sementes, enviados para o governo da Madeira, acompanhados de uma carta datada a 13 de setembro, em Boston. A carta relata as descrições e os materiais que se encontram na remessa, como as sementes de pinheiros de Massachussets, que, atesta Hipólito, “fornecem a melhor madeira para mastros que se conhece”.²² Avistamos aí o desejo e o olhar da utilidade.

Seguindo orientações da metrópole, faz também observação das gentes e das condições em que vivem. Os preços das estalagens, as leis de New York que proíbem a manufatura de sabão e velas, por serem nocivas à saúde dos habitantes, a calamidade da febre amarela, o frio e o gelo em que se vive não lhe escapam aos olhos. A febre violenta e terrível que assolou as cidades trouxe assombro ao viajante, tendo contado Hipólito em três dias 274 mortes em Filadélfia, tendo desviado seu caminho e o aprisionado longe das ruas.²³

Verdadeiro emaranhado de percepções e registros, a documentação pesquisada traz aspectos variados e, ao mesmo tempo, temas recorrentes, tais como as dificuldades encontradas, os enjôos e as tempestades, o desejo de ver e pisar terras, a neve que queima as plantas coletadas que seriam remetidas. Também demonstra engenhosidade com seus planos de prados artificiais de utilidade incalculável que poderiam nascer no Brasil, enviando para tanto as listas e baús repletos de sementes. O Brasil é uma referência importante no diário de Hipólito, uma referência que testemunhava a

²¹ MUNTREAL FILHO, Oswaldo. A Academia Real de Ciências de Lisboa e o Império Colonial Ultramarino (1799-1808). In: FURTADO, Júnia Ferreira. (Org.). **Diálogos Oceânicos**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001, p. 495.

²² PEREIRA, Hipólito José. **Diário de minha viagem à Filadélfia (1798-1799)**. Rio de Janeiro: Publicações da Academia Brasileira, 1955.

²³ Ibid. Tendo como referências à febre nas p. 175-176; 199; 216.

importância e a grandeza de Portugal e sua extensão americana. Verdadeiro Quinto Império na análise de Maria de Lourdes Viana Lyra.²⁴

Viagem, natureza e relatos são as marcas de um século XVIII que, como intuiu Michel Foucault, vê o fenômeno da “entrada da vida na história”, isto é “a entrada dos fenômenos próprios à vida da espécie humana na ordem do saber e do poder”.²⁵ A obra de Hipólito nos mostra um universo no qual o homem e seu engenho tudo podem. Suas idéias não se circunscrevem apenas nos dois documentos aqui examinados. No entanto, se, por pura especulação, buscarmos seus escritos mais maduros, encontraremos no Correio Brasiliense do ano de 1817 uma sugestão que afeta tanto a política como a natureza:

Sempre temos julgado que a capital do Brazil, em vez de ser uma cidade marítima devia ser no interior; e em outros N^{os} temos dado as nossas razoes; porque julgamos, que as cabeceiras do Rio Docê, ou immediações ás do Rio de-S. Francisco he o lugar mais conveniente para este fim. A abertura pois daquellas estradas, e consequente introducção de população, mostrará cada dia mais a utilidade deste plano, e facilitará a sua execuão.²⁶

Tais sugestões refletem as idéias da construção de um reino que ainda era português, deixando ver o desejo do domínio do homem e do estado, exaltando a grandeza de um reino que já se encontrava em seus estertores, transparecendo os distanciamentos com que Hipólito travava com as idéias de independências, pois “até 1821 apoiou a política das Côrtes Constituintes de Lisboa”, sendo um “adepto fervoroso da unidade da monarquia”²⁷ portuguesa. Em 1817, sugere Hipólito a alteração da paisagem na construção da capital.

A entrada da vida na história é a entrada dos indivíduos, seus corpos, vontades e realizações, alterando a paisagem e redefinindo o equilíbrio entre homem e natureza, trazendo novas percepções e desenvolvendo novos saberes. Os conhecimentos adquiridos com a biologia, a astronomia, a química, a matemática concorrem neste sentido, bem como a produção de relatos, aparados por nascentes parâmetros científicos,

²⁴ LYRA, Maria de Lourdes Viana. **A Utopia do poderoso império**. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1994, p. 124.

²⁵ FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade** – A vontade de saber. v. 1. Tradução de M. T. da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 14. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001, p. 133.

²⁶ CORREIO Brasiliense ou Armazem Literario. v. XIX. (Londres, 1817). Imprensa Oficial do Estado, Brasília, DF: Correio Brasiliense, 2002. Edição *fac-similar*, p. 113.

²⁷ RIZZINI, Carlos. **Hipólito da Costa e o Correio Braziliense**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957, p. 284.

e inseridos nesta nova relação que o homem estabelece com a natureza. Como bem lembra Magnus Roberto de Mello Pereira ao citar Joaquim Serrão: “acumulam-se as Histórias, Memórias, Topographias, Descrições, Chorographias, Mappas e Dicionários Geographicos, das vilas de Portugal e das suas colônias”.²⁸ Documentos deste tipo são muito caros aos governos dos territórios distantes, suas riquezas e populações, documentos legitimadores da dominação e da posse que o homem exercia sobre a natureza por intermédio do seu conhecimento, produzidos no interior de uma nova mecânica de poder, que, segundo Ana Maria de O. Burmester, é *inventada* já nos séculos XVII e XVIII, sendo exercida por vigilância e controle disciplinar, transformando o Estado no protetor das raças.²⁹

O pensamento de Hipólito José da Costa Pereira e os escritos sobre sua viagem constituem importante material para a compreensão da relação homem e natureza, especialmente para a percepção das idéias de um tempo distante, no qual foi possível cambiar métodos e construir conhecimentos, produzindo verdades sobre a natureza e seu governo. Keith Thomas, por exemplo, indica o papel da popularização da história natural na França e na Inglaterra setecentistas com as inúmeras publicações de autores como Buffon e Voltaire, excedendo as necessidades práticas, combinando impulsos religiosos, curiosidade intelectual e prazer estético.³⁰

Importava conservar a riqueza da natureza, que possuía “propriedades” que “muitas vezes eram descobertas por acaso, sem nossa indústria”.³¹ Importava conservar as árvores frutíferas e buscar a resolução de problemas com vermes, que poderiam matar os pessegueiros e outros vegetais. Os processos de utilização e conservação andavam lado-a-lado no diário da viagem de Hipólito. Exemplo disto é a descrição do processo de manufaturar a seiva da *árvore açucareira* que é detalhadamente pontuado desde a extração da seiva até a granulação do xarope. Curiosidade intelectual, função de viajante, rigor científico, valor de utilidade, mesclam-se nesta descrição.

²⁸ PEREIRA, Magnus Roberto de Mello. **A forma e o podre**: duas agendas da cidade medieval de origem portuguesa nas idades medieval e moderna. Curitiba: UFPR, 1998. (Tese de doutorado), p. 12.

²⁹ BURMESTER, Ana Maria de O. Em defesa da sociedade. In: RAGO, M.; ORLANDI, L. B. L.; VEIGA-NETO, A. (Orgs.). **Imagens de Foucault e Deleuze**: ressonâncias nietzschianas. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 38; 41.

³⁰ THOMÁS, Keith. **O homem e o mundo natural**. Tradução de João Roberto Martins Filho. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 333-334.

³¹ PEREIRA, Hipólito José. **Diário de minha viagem à Filadélfia (1798-1799)**. Rio de Janeiro: Publicações da Academia Brasileira, 1955, p. 137.

Os caminhos com os quais se deparou nesta viagem eram em sua maioria muito ruins e tortuosos, caminhos que escondiam ao viajante mais que revelavam. A agricultura, a botânica e a anatomia são parte dos interesses de Hipólito. Açúcar, goiabas, jambos, mimosas, cactus, ocupam dias em seu diário, na busca da descrição taxionômica.³² Estes são, como assinalou Magnus Roberto de Mello Pereira, “os traços residuais que restaram” daquilo que “costumamos qualificar por natureza”³³, sendo este “natural” inscrito no agrícola, e portanto contido em suas qualidades provedoras, reduzindo o mundo a vilas, aldeias e cidades. Podemos também encontrar estes resíduos no estranhamento que o viajante sente em relação à utilização do método de “limpar as terras de matas”, soando contemporaneidade fora de tempo, ao descrever que a queima dos matos “para fazer potassa e perlassa é tal, que primeiramente tem diminuído considerável quantidade de úteis madeiras, e depois tem feito secar rios; porque, como muitos rios são supridos com água nos pântanos, e pequenas fontes que há pelos matos, estes matos destruídos dão lugar a que o calor do sol seque a superfície da terra e diminua as origens dos rios”.³⁴

Assim também os primeiros meses da viagem que lemos no *Diário* desaparecem na Memória de 1801, a sociabilidade, o cotidiano, as experiências pessoais só encontram espaço no registro dos dias. Entre os dois documentos cria-se um espaço de tempo, no qual Hipólito procuraria a amizade das pessoas, como ele próprio afirma, pessoas que “farião ao depois mais fácil a aquisição dos conhecimentos que procurava”. Nas descrições do *Diário*, vemos igualmente transparecer a busca do belo, o gosto pelo requinte, a delicadeza dos gestos e a apreciação da frescura dos sabores e a delícia dos licores experimentados.

A busca pelo conhecimento sistemático dos botânicos locais também se encontra nesta experiência. No dia dois de janeiro de 1799, já no quarto mês de sua viagem, Hipólito dá notícias sobre a “melhor tarde” passada na América, com a família do “grande” botânico Jonh Bartram. O texto marca a impressão do viajante, que

³² Cabe notar que em Botânica as espécies são organizadas em sistema, baseados nos caracteres e na afinidade natural das plantas, sendo o sistema proposto por Carl von Linné (1707-1778) composto de nomenclatura binária: primeiro o gênero que é o conjunto de espécies semelhantes e depois a espécie, que é o tipo ou classe particular de uma planta ou animal. Ver: JOLY, Aylton Brandão. **Botânica: Introdução à Taxonomia Vegetal**. Companhia Editora Nacional. São Paulo, 1991.

³³ PEREIRA, Magnus Roberto de Mello. **A forma e o poder: duas agendas da cidade medieval de origem portuguesa nas idades medieval e moderna**. Curitiba: UFPR, 1998. (Tese de doutorado), p. 16.

³⁴ PEREIRA, Hipólito José. **Diário de minha viagem à Filadélfia (1798-1799)**. Rio de Janeiro: Publicações da Academia Brasileira, 1955, p. 134; 163.

esperava ver no botânico um cavalheiro e acabou por encontrar, em suas palavras, um “campônio muito mal vestido com um grande casacão, muito remendado, umas botas velhas do campo; com maneiras assaz grosseiras, inda que sumamente afáveis”.³⁵ Admirado com a boa instrução do botânico e de seus filhos, Hipólito, os denomina como, “os quatro botânicos”, tendo se demorado na visita até à noite. Desta visita ainda descreve os precisos desenhos dos filhos deste botânico campônio, que tinham 12 e 15 anos respectivamente.

Outras companhias foram também constantes no início de sua viagem, em sua sociabilização. Assim, católicos, metodistas, prostitutas, agricultores, ministros, homens de educação ganham as cores do cotidiano viajante. Os mercados, as carruagens e a sociedade local ganham destaque nos passeios, jantares e bailes dos quais Hipólito participa. A harmonia e o sossego propiciado pelo caráter geral da Nação estadunidense reinavam por toda parte, segundo descrição do viajante. A 16 dias de janeiro de 1799, presencia um “baile que se fez em honra do presidente [John Adams] no teatro da cidade, onde a platéia dançou”³⁶ e se serviu a ceia. Em fevereiro do mesmo ano, participa de um baile em honra ao General Washington, figura ícone da criação e do desbravamento dos Estados Unidos, travando o viajante contato íntimo como este momento de conformação das identidades e das instituições norte-americanas, que possuem na Filadélfia seu berço e centro. Que início de ano memorável! – Exclama o viajante.

Nota em seu relato a falta de guardas, que mais concorre para o sentimento de harmonia nacional. São quatro meses de intensa vida social junto aos ministros locais, sobretudo junto ao ministro português. Na mesma ocasião, o ministro da Espanha lhe forneceu importantes informações sobre o adiantamento da agricultura nos estados do norte, sendo versado em ciências naturais. Hipólito também menciona o Ministro da Inglaterra. O conhecimento destes homens ilustres e a penetração na sociedade local eram de muitas utilidades no encaminhamento das remessas e das cartas do viajante e mesmo, relações de sociabilidade, úteis ao longo de sua permanência nos Estados Unidos, e mesmo necessárias à sua sobrevivência e ao sucesso de sua viagem.

³⁵ PEREIRA, Hipólito José. **Diário de minha viagem à Filadélfia (1798-1799)**. Rio de Janeiro: Publicações da Academia Brasileira, 1955, p. 69.

³⁶ *Ibid.*, p. 77-78.

Assim, por meio de seus relatos percebemos uma das experiências vividas por este homem, experiência marcada pelo estranhamento, pela diferença, marcadas por um olhar afiado, uma ciência experimental e uma função da corte.

Trata-se de um olhar marcado indelevelmente por identidades culturais, intelectuais e políticas, marcado pela própria experiência da viagem na formação do viajante.

O viajante através de sua viagem

Depois de um trajeto oceânico um tanto repleto de desventuras, cheio de dias maus, com a eterna companhia das chuvas e dos ventos que, a cada dia, eram mais rijos e tempestuosos, fazendo o viajante rogar a ajuda divina, depois do racionamento de alimentos na embarcação e das gengivas inchadas, um pássaro faz respirar a proximidade de terra, e, ao avistá-la, no dia 04 de dezembro de 1798, relembra da sua terra natal:

Tôda esta costa é muito baixa e se assemelha ao Rio Grande.³⁷

Dezembro foi o mês da chegada, da sua instalação em um quarto alugado, e primeiras impressões. Com a virada do ano, o viajante enche-se de expectativa. 1799 é um ano que traz boas esperanças ao viajante: já no primeiro dia do ano, Hipólito é apresentado pelo ministro português ao Presidente dos Estados Unidos, Jonh Adams, na celebração do dia de Ano Bom, uma tradição entre os americanos, ocasião em que observa o exercício ou a falta da etiqueta entre os cidadãos locais.

Para Hipólito, parece ser de fato bom este início de ano, pois, de janeiro a maio seu diário apresenta um ritmo onde poucos são os dias sem que se debruça a contar suas experiências. Se não bom, pelo menos produtivo. Entre os dias 06 e 15 de abril de 1799, envia um catálogo com 135 espécies de sementes, sendo a grande maioria constituída de plantas “indígenas de Pensilvânia”, entre elas a própria acácia, ademais três tipos de *magnólias*, cinco tipos de *gerânios*, e 4 tipos de *viburno*.

Algumas das plantas, cujas sementes estão sendo remetidas, são desconhecidas para o viajante, como uma planta por ele chamada de *Digitalis*, e outras que são por ele dadas como novas, como a *Chenophodium Carolina*. Procura dar sempre para toda

³⁷ PEREIRA, Hipólito José. **Diário de minha viagem à Filadélfia (1798-1799)**. Rio de Janeiro: Publicações da Academia Brasileira, 1955, p. 54.

planta da lista a sua localidade de origem – Pensilvânia, Virgínia, Flórida, Mississipi, Lima ou mesmo China, enriquecendo sua descrição.

Algumas espécies, entretanto, chamam mais a atenção do viajante que as detalha com maior rigor. Assim, em 25 de julho, Hipólito ocupa-se em seu diário, largamente, na descrição de uma árvore:

O *Cumpressus distica* é a primeira das árvores dos Estados Unidos: uma majestosa estatura, com grande sombra, a delicadeza da côr, e textura das fôlhas, o todo, finalmente, desta árvore, excede tudo quanto há de bom no reino vegetal. Geralmente cresce em terras úmidas ou baixas, perto das margens dos rios e grandes lagos, de modo que estão cobertos grande parte do ano, com água dois ou três pés de altura; e esta parte do tronco que está debaixo d'água, e 4 ou 5 pés acima, se engrossa consideravelmente pelos esteios ou pilares, que esta planta lança para todos os lados, quando está no seu pleno crescimento, e que vão a tal distância que muitos homens se podem esconder nos buracos, que ficam entre êles. ...[a árvore] se eleva formando uma coluna reta de 80 ou 90 pés de alto, e então se divide para todos os lados e uma direção quase horizontal, da figura de um chapéu-de-sol, e aí as águias acham um seguro asilo para os seus ninhos. Flamular de musgos pendentes dos ramos maiores ajudam a embelezar êste lindo vegetal, quando está solitário em uma plantação de arroz, ou junto com outros nas margens dos rios.³⁸

Qualidades, localização, utilidade, beleza. O olhar viajante quer tudo ver, é ensinado a tudo observar. Não apenas a natureza, mas também suas visitas e conversações produzem importantes notícias e informações ao reino. Entretanto, a demora das notícias ou mesmo ordens de Lisboa também encontra espaço para o protesto de Hipólito, sendo que esta situação o faz demorar em sua viagem mais tempo que o esperado.

É certo que também encontramos uma redução ao cidadão³⁹ em Hipólito. Seu relato de 20 de abril de 1799, por exemplo, traz uma lista de povoações, Brunswick, Wood-Bridge, Ebridge-Town, Elizabeth-Town, New York. Viagem de fôlego! Entretanto, para além da lista de povoações, a cidade o captura, e no dia 21, com uma crítica voraz, descreve o sistema de defesa de New York, chamando-o de inútil e ridícula. Apreciando, porém, o passeio construído na mesma New York, exercendo sua crítica também sobre a paisagem da cidade, que, segundo ele, possuía uma vista da baía

³⁸ PEREIRA, Hipólito José. **Diário de minha viagem à Filadélfia (1798-1799)**. Rio de Janeiro: Publicações da Academia Brasileira, 1955, p. 157-158.

³⁹ Para esta discussão ver: PEREIRA, Magnus Roberto de Mello. **A forma e o poder: duas agendas da cidade medieval de origem portuguesa nas idades medieval e moderna**. Curitiba: UFPR, 1998. (Tese de doutorado).

do rio Hudson extremamente aprazível, mas com construções de cais particulares e armazéns “que lhe estragam a decoração”.⁴⁰

Olhares estranhados, percebemos neste diário, marcado pela instabilidade e dispersão, sensações tão vivas no universo colonial da América portuguesa, como postulado por Fernando Novais⁴¹, transplantadas com a experiência do viajante a outras nações. O estranhamento dos hábitos marca o entendimento deste novo mundo aberto ao viajante. As atitudes grosseiras e rudes, como a exemplo de muitos homens que Hipólito encontrou em seu caminho, fazem parte de seu distanciamento, em relação àquilo que ele chama descortesia. Na recepção do Ano Bom de 1799, Hipólito notou que faltavam cumprimentos cavalheirescos, faltava polidez nas maneiras, faltava harmonização e diferenciação nas vestimentas.⁴² No dia quatro de maio, relata a desatenção sofrida por ele em um café, o ar insultante do americano presumidamente federado, e as indecências de sua resposta, fazendo autodestacar sua polidez de jovem viajante ilustrado.

Descrevendo o ódio entre americanos e franceses, forjado ao longo do processo de disputas territoriais na formação da nação estadunidense, Hipólito ressalta que foi identificado por muitos americanos como um cidadão francês. Aqui polidez e comedimento, marcas da civilização e da diferença⁴³, são qualidades atravessadas por territórios, guerras e decisões políticas, constituindo identidades díspares que se chocam e se cruzam. Para Hipólito, ser considerado um cidadão francês soava civilidade; para os federados, conflito.

Contudo, uma dúvida ainda soa: quem era Hipólito para ele mesmo? Ana Lúcia Rocha Barbalho da Cruz, no estudo das auto-representações dos viajantes setecentistas, afirma que ser brasileiro constituía “apenas uma dentre as várias dimensões identitárias”⁴⁴ que caracterizam estes homens, sendo, para além desta dimensão, também reconhecidos como homens de ciência, homens civilizados, colonos,

⁴⁰ PEREIRA, Hipólito José. **Diário de minha viagem à Filadélfia (1798-1799)**. Rio de Janeiro: Publicações da Academia Brasileira, 1955, p. 118.

⁴¹ NOVAIS, Fernando. Condições de privacidade na colônia. In: **História da vida privada no Brasil [1]: Cotidiano e vida privada na América Portuguesa**, p. 22.

⁴² PEREIRA, H. J., op. cit., p. 68.

⁴³ ELIÁS, Norbert. **O Processo Civilizador**. Uma História dos Costumes. v. 1. Tradução de Rui Jungman, Rio de Janeiro: J. Zahar Editor, 1994, p. 54.

⁴⁴ CRUZ, Ana Lúcia Rocha Barbalho da. As viagens são os viajantes: dimensões identitárias dos viajantes naturalistas brasileiros do século XVIII. **História: Questões e Debates**, n. 36. Curitiba: Ed. UFPR, 2002, p. 75.

funcionários, homens polidos, e assim os viajantes se auto-representavam e se reconheciam através das muitas zonas de similaridades⁴⁵ que o Império Colonial possibilitava. Similaridades que em seus muitos cruzamentos, faziam o viajante perceber a confusão das ruas, o anormal que lhe parecia àquela “cultura da pobreza das terras, onde a renda é paga em frutos”, e a vida pode “terminar em um suicídio”.⁴⁶

Assim, inspirados em Carlo Guinzburg, entendemos a dimensão do estranhamento como “um meio para superar as aparências e alcançar uma compreensão mais profunda da realidade”.⁴⁷ É no estranhamento que Hipólito deixa a marca de suas identidades. Estranhamento que é a própria ciência. Estranhamento que deixa sua marca nas idéias de natureza.

Ao descrever o lago existente quase no centro de New York, aponta a ignorância popular que afirma que o tal lago não possui fundo. O cientista aflora na explicação e na descrição para provar tal ignorância. O lago aqui é visto como um elemento da natureza, como recurso de água, que, aliás, é muita má. Na leitura da qualidade e da distribuição de águas, Hipólito confirma o desejo de culturalizar e antropomorfizar⁴⁸ a natureza, contendo, ordenando, organizando e deixando-a à disposição do homem, limpando o podre e sugerindo intervenção na estruturas da paisagem.

Dizem-me que a água dêste lago nunca se corrompe, mas eu duvido dessa asserção, e o meu parecer seria entupir, o lago, por inda que seja tão profundo, como dizem, contudo é muito pequeno, e as ervas, que nascem pela margem, necessariamente hão de apodrecer e infectar a água, que inda que se esgote para fora alguma coisa não é contudo corrente.⁴⁹

Como alertou Victor Leonardi, os relatos de viagens devem ser tomados não apenas na preciosidade de suas informações, mas também na sua ingenuidade, na

⁴⁵ CRUZ, Ana Lúcia Rocha Barbalho da. As viagens são os viajantes: dimensões identitárias dos viajantes naturalistas brasileiros do século XVIII. **História: Questões e Debates**, n. 36. Curitiba: Ed. UFPR, 2002, p. 79.

⁴⁶ PEREIRA, Hipólito José. **Diário de minha viagem à Filadélfia (1798-1799)**. Rio de Janeiro: Publicações da Academia Brasileira, 1955, p. 147.

⁴⁷ GINZBURG, Carlo. **Olhos de Madeira: nove reflexões sobre a distância**. Tradução de Eduardo Brandão, São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 36.

⁴⁸ Termo utilizado em relação à vegetação e aqui emprestado para além de sua origem na leitura da natureza. Cf. PEREIRA, Magnus Roberto de Mello. **A forma e o podre: duas agendas da cidade medieval de origem portuguesa nas idades medieval e moderna**. Curitiba: UFPR, 1998. (Tese de doutorado), p. 507.

⁴⁹ PEREIRA, H. J., op. cit., p. 123.

superficialidade e no etnocentrismo que os envolvem.⁵⁰ Assim, a ilustração e cientificidade do viajante fazem Hipólito buscar pares de letras para seus diálogos e trocas de conhecimentos e informações, auto-referenciação e auto-afirmação de idéias. Neste sentido compreendemos o papel das sociedades, que, a exemplo da Sociedade Filosófica, figuram na rede de sociabilidade⁵¹ do viajante e em seu lugar de reconhecimento.

Cita o viajante em seu relato a produção das idéias que também são compostas pela literatura especializada sobre agricultura, tal como um artigo da *Medical Repository* ou outro artigo da *Repository of arts and manufactorys* de Londres.⁵² Segundo Alain Corbin, “o discurso médico efetua um incessante vaivém entre as imagens do homem e as dos elementos”⁵³ da natureza, a atmosfera aquosa e a putridez influenciavam os humores, as características dos homens e de suas formações sociais. A natureza e os homens envolviam-se nos discursos dos cientistas, nas suas leituras, nos debates que travavam, nas publicações que liam, nos escritos que deixaram, e naqueles que foram publicados.

As idas e vindas das idéias podem ser demonstradas neste processo de leitura e no processo da publicação, se notarmos que o viajante lê a *Medical Repository*, e esta publica uma de suas cartas. Idas e vindas que fazem surgir em seus caminhos livrarias e museus dignos de nota ao olhar crítico do naturalista. Este é o caso da existência e da observação das obras de História, Teologia e, entre outras belas obras, a *Enciclopédia*. Hipólito não as descreve em detalhes, apenas pontuando sua existência e algum contato que com elas teve. Entre seus locais de visitação, figuravam engenhos, museus, prisões, teatros, salões, “ridículas aldeias”, cemitérios, casas de ministros e jardins.

O adiantamento da agricultura o faz advogar pela introdu o de algumas plantas que “merecem ser introduzidas no Brasil”, como a *Croton Sebiferum* de incalculável utilidade, pelo sebo que produz, e o *Rheum palmatum*. Entrementes, a transplanta o de espécies vegetais e animais era preocupa o latente no século XVIII português. Preocupa o presente notadamente entre os jovens alunos do botânico

⁵⁰ LEONARDI, Victor. **Os historiadores e os rios**. Brasília: Paralelo 15/Ed. UnB, 1999, p. 81.

⁵¹ ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**. Uma História dos Costumes. v. 1. Tradu o de Rui Jungman, Rio de Janeiro: J. Zahar Editor, 1994, p. 63.

⁵² PEREIRA, Hipólito José. **Diário de minha viagem   Filad lphia (1798-1799)**. Rio de Janeiro: Publica es da Academia Brasileira, 1955, p. 198.

⁵³ CORBIN, Alain. **O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental**. Tradu o de Paulo Neves, São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 224.

paduense Domenico Vandelli, como demonstra José Augusto Pádua, ao estudar Manoel Arruda Câmara, Alexandre Rodrigues Ferreira, e José Vieira Couto⁵⁴, todos contemporâneos de Hipólito em sua formação coimbrã e contemporâneos nas experiências de descrição junto à natureza.

Das lembranças do Brasil, uma das grades extensões de terras férteis de domínio português, banhado por imponentes rios, e tomado na visão dos naturalistas por uma natural aptidão para a agricultura, Hipólito busca a fertilidade e a utilidade, observando os elementos da natureza norte-americana, e assim faz descrever uma ilha: “há imensidade de macieiras e há principalmente um lugar ou quinta onde elas estão bem arrumadas e compostas o que faz um excelente passeio à sombra. Daqui tem New York uma vista admirável e a terra tôda me pareceu assaz forte, e fértil”.⁵⁵ O viajante postula a grandiosidade e a riqueza.

A natureza decomposta em elementos isolados – sementes, frutos, folhas – destituídos de seus conjuntos, e bem armados em uma nova formação, surge na descrição do viajante em quintas, bosques, parques, jardins, sítios, estufas ou plantações. Surge no processo de sua apropriação, de sua modificação e transformação física ou química, seja no laboratório e na serraria, na cidade, seja no meio de um rio.

Tal transformação ocorre no processo viagem/experimento/escrita, no qual a marca do homem na natureza é desejável, pois o centro da sua atenção é ele mesmo e sua ciência, sendo que mais uma vez o meio pode ser moldado para a indústria humana. Assim, ao descrever o rio Delaware e sua corrente “sumamente impetuosa”, pontua a falta de melhoramentos para a navegação, pois, em suas letras, “apenas quando o rio está cheio se pode atravessá-lo”.⁵⁶

A falta de engenho por parte dos americanos na apropriação dos elementos da natureza aparece constantemente em seu diário. O desprezo e decadência da agricultura, conseqüência do desejo pelo comércio e da ambição especulativa, são duramente criticados na lógica cultural do viajante, lógica imersa na busca de árvores, insetos e flores. A descrição tem aromas e gostos:

⁵⁴ PÁDUA, José Augusto. **Um sopro de destruição**: pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista (1786-1888). Rio de Janeiro: J. Zahar Editor, 2002, p. 16.

⁵⁵ PEREIRA, Hipólito José. **Diário de minha viagem à Filadélfia (1798-1799)**. Rio de Janeiro: Publicações da Academia Brasileira, 1955, p. 133.

⁵⁶ *Ibid.*, p. 56.

As grandes flores polipétalas são produzidas nos gumes das últimas fôlhas; são de um amarelo esplêndido, e sucedidas por um grande fruto da configuração de uma pêra, que quando está maduro, é cor de púrpura lívido ou arrouxado; a pólpa dêste fruto tem grande quantidade de suco carmesin transparênte, e o gosto é fresco e agradável, alguma coisa semelhante ao da romã.⁵⁷

Aromas e gostos sempre estão em relação com o mundo de onde vem o viajante e formam parte da admiração e do amor às árvores e matas corrente no século XVIII europeu, como assinala Keith Thomás. As comparações que marcam a identidade do viajante são também realizadas em relação às aves que são seu objeto de observação. Ao descrever, por exemplo, um pássaro americano chamado *Mock-bird*, galante e com canto variável, Hipólito o aproxima do rouxinol, marca de seu estrangeirismo. O viajante marca no relato inúmeros distanciamentos, que o identificam, que o definem, que, por fim, constituem sua originalidade, marcas de sua individualidade e suas múltiplas dimensões identitárias.

Na rua, certa vez, o viajante encontrou o Mr. Dickinson, que vinha com quatro homens, botânicos na opinião de Hipólito, que, ao tomarem conhecimento dos interesses do viajante por coleções de plantas, o interpelaram:

Então para que nos impõe: é botânico, ou florista, ou o que?⁵⁸

Distanciamentos brasileiros

Poucas são as referências que Hipólito faz à história, mas, aos 16 dias de novembro de 1799, pouco mais que um mês do final de seu diário, ele nos apresenta “à primeira lição de história nacional”, que deu o Mr. Peale, o proprietário do Museum⁵⁹, descrevendo a história da Nação a partir de sua vida dizendo “que tinha começado por ser pintor, etc.” Hipólito fornece poucas informações sobre como exatamente se processava esta relação entre o indivíduo e a nação. De fato, podemos conhecer que esta é uma possibilidade permitida em seu pensamento, mesmo que os detalhes nos deixem nos domínios da incerteza.

Vemos no diário de viagem outras vagas descrições. O Senhor Peale e seu museu fazem parte destas referências. O senhor Peale expressa a Hipólito seu desejo de

⁵⁷ PEREIRA, Hipólito José. **Diário de minha viagem à Filadélfia (1798-1799)**. Rio de Janeiro: Publicações da Academia Brasileira, 1955, p. 166.

⁵⁸ Ibid., p. 190.

⁵⁹ Ibid., p. 213.

coletar os ossos de um animal desconhecido, da “classe dos brutos” como aqueles pertencentes à Sociedade Filosófica.⁶⁰ Deseja possuir em seu museu os ossos do *Mamuth*, seu fêmur, sua mandíbula, sua queixada e dentição, suas vértebras, sua grandeza extraordinária. Grandeza e suspense envolviam esta ossada, grandeza que a propósito era o próprio significado de seu nome. Segundo Hipólito, *mammoth* era corrupção da palavra *memoth* que significava o mesmo de *Behhemot*, vocábulo aplicado a todo animal de grandeza extraordinária como o elefante, e é claro àqueles ossos imensos de um animal ainda por conhecer. Desde remotos tempos os titãs povoam o universo de imagens dos homens, tempos remotos que são de conhecimento do homem ilustrado e intensos como seu desejo de perfeição.

A ele interessa a significação da nomenclatura, e para substanciar sua explicação resgata uma memória da Sociedade Real de Londres de 1714, na qual tais ossos eram atribuídos a algum gigante, o que poderia provar o *Gênesis*. Vemos aí a circulação de informações e pensamentos, circulação que permitiu ao viajante uma aproximação original. As ciências da natureza estão neste momento, em grande medida, mescladas à fé religiosa, experiência similar entre muitos homens do século XVIII. A história natural exige a continuidade da natureza, configurando um “esforço para instaurar na natureza uma ordem e nela descobrir categorias gerais, quer sejam elas reais e prescritas por distinções manifestas, quer cômoda e simplesmente demarcadas por nossa imaginação”.⁶¹ Estas ordens nominais que teriam marcado as vivências dos homens em zonas fronteiriças, nos muitos limites de suas idéias.

Muitas são as distancias que podemos cobrir na análise histórica. Muitas são as distâncias experimentadas por um homem ao longo da vida, em suas viagens, em suas idéias, em seus escritos, que são verdadeiro reflexo de suas figurações de identidades.

Podemos refletir, então, sobre a razão de ser (do texto), ou destes textos, e na esteira de Michel Foucault perceber a que instituições e práticas políticas se referiam, como se armaram as regularidades da escrita destes relatos, os saberes por eles veiculados e, por fim, perceber o sujeito que produziu tais saberes, ou,

seguí-los ao longo de seu sono, ou antes, de levantar os temas relacionados ao sono, ao esquecimento, à origem perdida, e de procurar que modo de existência pode caracterizar os enunciados,

⁶⁰ PEREIRA, Hipólito José. **Diário de minha viagem à Filadélfia (1798-1799)**. Rio de Janeiro: Publicações da Academia Brasileira, 1955, p. 220.

⁶¹ FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. Tradução de Salma Tannus Muchail, São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 203.

independentemente de sua enunciação, na espessura do tempo em que subsistem, em que se conservam, em que são reativados, e utilizados, em que são, também, mas não por uma destruição originária, esquecidos e até mesmo, eventualmente, destruídos.⁶²

No cotejo entre os dois documentos, podemos perceber os limites postos no formato da escrita. Se retomarmos a Memória de 1801, observaremos alguma distância em relação aos escritos do diário. Certamente, a síntese e a utilidade são marcas do tipo de relato que consiste em uma memória. As riquezas potenciais na observação e na possível transplantação de espécies envolvem este documento; as riquezas naturais surgem listadas, pontuando os espaços de sua produção:

Assim Massachussets e o resto da nova Inglaterra, os prados as crias de gado, e as pescarias: em Connecticut e outros estados ao longo do mar até Chesapeack, o trigo, o milho e outros cereais; em Maryland, e Virginia o tabaco; em as Carolinas do Norte as fábricas de breu, as madeiras, etc., na Carolina do Sul e Geórgia, o arroz e algodão; e finalmente nas terras adjacentes ao Mississipi e seus ramos o canamo e mineraes.⁶³

A riqueza natural não se encontra somente na vegetação e na agricultura; a mineração tem importância visceral neste mundo onde a economia ainda se fundamenta no ouro. Para Hipólito é parte das suas funções, – ou em suas palavras “pequeno sacrifício” – dar conta das minas americanas. Apesar da riqueza mineral, os Estados Unidos são, na leitura deste viajante, pobres nas minas de ouro e prata que até então haviam sido descobertas.

A necessidade destas descrições permitia ao Império introduzir vantagens em seus domínios, tornando a agricultura, a botânica, a hidráulica, conhecimentos fundantes do seu mundo. Foucault, por exemplo, ensina que “assiste-se e assistiu-se – ao menos entre os séculos XVI e XIX – a uma quantidade de mudanças bruscas da ordem dos fatos de observação”.⁶⁴ São estas as mudanças que atingem a ilustração européia, são elas que constroem o universo de idéias que faz nascer naturalistas em Portugal e no Brasil.

⁶² FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luis Felipe Baeta Neves, Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987, p. 142.

⁶³ PEREIRA, Hipólito da Costa. Memória sobre a viagem aos Estados Unidos. **Revista do IHGB**, v. 21. Tomo XXI, 1858, p. 352.

⁶⁴ FOUCAULT, Michel. **Estratégia, Poder e Saber**. Tradução de Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997, p. 234. (Entrevista gravada em Paris em 13 out. 1977 com o Sr. S. Hasumi). Coleção Ditos e Escritos. v. IV.

As mudanças e as rupturas vividas e sentidas intensamente no pensamento e nas ciências, a história natural de Buffon, as disputas da sistemática e da taxonomia, os ideais filosóficos, os escritos políticos, possibilitaram um mundo de experiências “completamente controvertida [s]”.⁶⁵ Carmen Iglesias, retomando as paixões do século XVIII, nos aponta para a disputa pela civilização, o autocontrole aprendido⁶⁶, do qual as crianças selvagens⁶⁷ podem trazer algumas referências sobre a relação homem-natureza, sobre seu desejo de origem e de evolução, sobre sua compleição empirista. A natureza, as ciências, o homem, os desejos na busca e na construção das verdades, as experiências marcadas das cores, dos sons, das explicações, das medidas eram, ao mesmo tempo, reconhecíveis e remotas.

Percebemos, então, uma marcante diferença entre os dois documentos – Diário e Memória – que surge tanto no tratamento da escrita, quanto na composição do texto, na sua referência de tempo. O diário constitui um longo documento, no qual dia a dia, ou em dias salteados, Hipólito descreve seus feitos e seus desencontros, deixando ver suas identificações; e a memória, escrita posteriormente à realização da viagem, encomendada, é sustentada nos limites do método de observação, e impõe ou sugere⁶⁸ uma leitura imersa na utilidade, na agricultura e na economia, deixando ver o cumprimento de suas funções e seu comprometimento a um projeto político.

A busca da prova para sua análise vista nestes dois escritos, é enunciada através de “documentos autênticos”, das observações do método de se plantar, e de tudo aquilo que ele “viu, ouviu e aprendeu” e relatou sobre e com os americanos. Discurso, que transita desde tempos remotos, e ecoa nos escritos deste viajante. Discurso que visava encontrar, entre outras coisas, “preciosas árvores”, da quais qualquer “nação inclinada à agricultura tiraria grandes proveitos”.⁶⁹ A riqueza do reino produzir-se-ia, entre outras orientações utilitárias, por intermédio da transposição de sementes. E cabe notar aqui o método ensinado na obra: *Breves Instruções aos*

⁶⁵ FOUCAULT, Michel. **Estratégia, Poder e Saber**. Tradução de Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997, p. 235.

⁶⁶ ELIÁS, Norbert. **O Processo Civilizador**. Uma História dos Costumes. v. 1. Tradução de Rui Jungman, Rio de Janeiro: J. Zahar Editor, 1994, p. 48.

⁶⁷ IGLESIAS, Carmen. **Razón y sentimiento em el siglo XVIII**. Madrid: Real Academia de la Historia, 2001, p. 379.

⁶⁸ Ver: CHARTIER, Roger. **História Cultural: entre práticas e representações**. Tradução de Maria Manoela Galhardo, Lisboa: Difel / Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p. 128.

⁶⁹ PEREIRA, Hipólito da Costa. Memória sobre a viagem aos Estados Unidos. **Revista do IHGB**, v. 21. Tomo XXI, 1858, p. 354.

correspondentes da Academia das Ciências de Lisboa sobre as remessas dos produtos e notícias pertencentes à História da Natureza, para formar um museu nacional de 1781:

Tudo o que pôde dizer-se sobre as remessas de *sementes*, se reduz a não as colher, senão depois de maduras; e as mettellas, estando bem enxutas, com musgo fresco, e pouco calcado, ou com arêa bem secca e miuda dentro dos caixões, em que se hão de remetter. As sementes grandes tambem se podem cobrir de cêra derretida em hum pouco de oleo de therebentina, tendo a cautela de deixar primeiro esfriar esta untura até o ponto, em que o calor não possa causar-lha damno. Seja qual for o modo de preparar, e remetter as sementes, deve indispensavelmente advertir-se, que cada huma das diversas especies necessariamente há de vir separada da outra, de sorte que se não confundão. Não usando da mistura do musgo, ou arêa, podem remetter-se, para evitar esta confusão, cada huma das especies de sementes embrulhada á parte em um papel encerdao; observando na sua accommodação dentro das bocetas as precauções necessarias, para que cheguem inteiras.⁷⁰

A Academia de Ciências, fundada em 1779, ensina, da mesma forma que outras instituições européias setecentistas, como o homem deveria observar o meio natural⁷¹, enviando desde Lisboa as normas que conduziriam ao “avanço das ciências e das artes, e o aumento da indústria”⁷² em Portugal e em seu império, como pontualmente ensina Charles Boxer, e, para tanto, as remessas de sementes e outros elementos do mundo natural eram de grande valia. Os naturalistas deveriam cercar-se de cuidados e obviamente seguir todas as regras.

Foi, entretanto, bastante difícil a Hipólito, encaminhar as sementes das árvores mais fortes que poderiam ser utilizadas na construção de navios, como por exemplo as da acácia, *Robínia pseudo acacia* ou como era chamada entre os americanos, *Locustree*. Dificuldade que se faz notar em suas cartas, tendo ele vivido um sentimento de quase desespero em alguns dias de sua viagem. A falta de contato com a metrópole e a escassez de dinheiro dela derivada são constantes companheiras da viagem, tornando mais necessários ainda os contatos com homens de ciência e de poder locais, que

⁷⁰ ACADEMIA DAS SCIENCIAS DE LISBOA. Breves Instruções aos Correspondentes sobre as remessas dos produtos e notícias pertencentes à História da Natureza, para formar um museu nacional. Lisboa: Regia Offcina Typografica, 1781. s/p.

⁷¹ Cf. SILVA, Wilton Carlos Lima. **As terras inventadas**: discurso e natureza em Jean de Léry, Antré João Antonil e Richard Francis Burton. São Paulo: Ed. UNESP, 2003, p. 79.

⁷² BOXER, Charles. **O Império marítimo português – 1415-1835**. Tradução de Anna Olga de Barros Barreto, São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 210.

viabilizam o crédito e a estrutura básica para a observação e para os deslocamentos da viagem.

Hipólito, entretanto, transpõe estas dificuldades, continuando sua missão, coletando os espécimes vegetais, descrevendo a natureza e a sociedade norte americana, escrevendo suas cartas e remetendo seus materiais à Coroa. Numerando suas cartas, e apresentando pequenas memórias sobre os cultivos realizados pelos americanos, o viajante produziu relatos sobre os bichos da seda, edificações e outros engenhos, e da mesma forma sobre as pontes de madeira e os métodos para sua construção. Informações referidas e citadas por Hipólito em sua Memória.⁷³

Duas cartas datam de 15 de junho de 1799⁷⁴, e são destinadas a Dom Rodrigo de Souza Coutinho, acompanhando um recado ao Governador e Capitão General da Ilha da Madeira, no qual oportunamente o viajante pede cautela no manuseio do material encaminhado, devido à importância de seu conteúdo e dos ofícios que o acompanhavam. Estas cartas atestam a coleta de informações sobre a agricultura e sobre a importância de tal atividade em lugar onde, na opinião do viajante, os invernos eram rigorosos.

Tal é a natureza que a razão busca superar, pois utilidade e engenho eram, para estes homens, a própria natureza dos impérios. O observador ilustrado, ancorado no uso de seus conhecimentos, coloca seus saberes a serviço da coroa:

Pela cota que em outra ocasião dei a V. Exa. a respeito dos búfalos que achei domesticados no interior dêste país, tará V. Exa. visto a utilidade que resulta destes animais. Agora, depois de ulteriores indagações que tenho feito sôbre isto achei que é praticável remetê-los daqui para Lisboa, e que a combinação dêstes animais com as vacas de Portugal deve produzir uma raça fortíssima, e sumamente adaptada para os trabalhos da agricultura.⁷⁵

O viajante ainda faz notar que as árvores que os americanos possuem são “absolutamente selvagens”, pois na América “se não conhecem bosques ou matos artificiaes”;⁷⁶ tais árvores podem então, na ótica do viajante, ser tomadas em sementes e

⁷³ PEREIRA, Hipólito da Costa. Memória sobre a viagem aos Estados Unidos. **Revista do IHGB**, v. 21. Tomo XXI, 1858, p. 359.

⁷⁴ As cartas do viajante acompanham a publicação da Academia Brasileira:

PEREIRA, Hipólito José. **Diário de minha viagem à Filadélfia (1798-1799)**. Rio de Janeiro: Publicações da Academia Brasileira, 1955. Carta n. 7 e 8. p. 249-254.

⁷⁵ Idem., p. 252.

⁷⁶ Cf. PEREIRA, H. C., op. cit., p. 355.

transplantadas através do empreendimento dos bosques artificiais nos domínios portugueses.

Matas selvagens *versus* bosques artificiais, homens selvagens *versus* homens civilizados, preocupações setecentistas, idéias ilustradas que circulam pelos impérios, que circulam pelas cidades. Memórias, cartas, diários, escritos de um homem, testemunhas de suas experiências e das percepções de seu tempo. Percepções de natureza, percepções de sociedade.

O distanciamento e a ruptura na leitura destas experiências de poder e de saber, inspirando-nos, nos faz apresentar um distante século XVIII, momento e palco de disputas de idéias e de verdades que permeiam os homens ilustrados “brasileiros” e, dentre estes homens, Hipólito, maçom intelectualizado, jornalista, viajante, exilado. São muitas as palavras que poderíamos utilizar, ao descrever um homem que, no século XIX, era aclamado pela Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, importante espaço de produção da nacionalidade e da história imperial brasileira. Em muitos momentos depois do XIX, momentos estes fundantes da formação ou na reflexão do contemporâneo pensamento nacional português ou brasileiro, Hipólito foi revisitado; assim foi em 1955 no Brasil, e assim é hoje.

Intentamos trazer aqui os controversos significados que a natureza impõe ao homem do século XVIII, imensa, rica, isolada, decomposta, organizada, dissecada pelas mãos de Hipólito, preservada nas páginas de seus escritos. Assim, distanciamo-nos para dentro da nossa própria experiência e necessidade, para dentro deste caminho que a história pode percorrer, e deixamos como temática viva, abordada em Hipólito neste trabalho, a natureza, não em seu sentido humano, mais balizada pelo pensamento do século XXI, subjugada pelos homens e suas ciências, restituída na história pelo desejo de compreender como homens de outrora perceberam e descreveram seu mundo, tendo nos deixado as marcas de suas identidades, de seus lugares e seus sentidos históricos.